

**Curso Básico  
sobre o  
Carisma  
Missionário  
Franciscano**

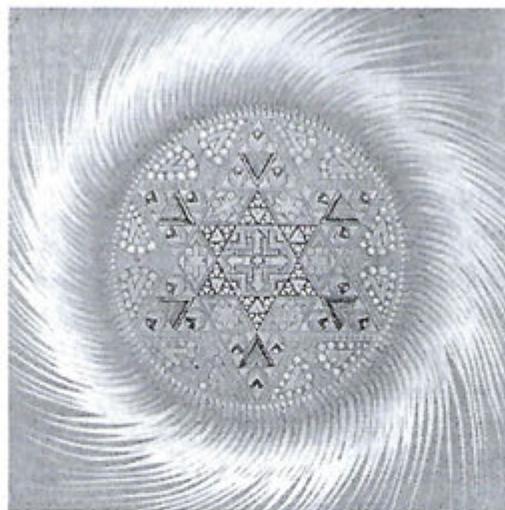


**Unidade de  
contemplação e  
missão**



Lição 10

**Curso Básico  
sobre o  
Carisma  
Missionário  
Franciscano**



**Unidade de  
contemplação e  
missão**



**Lição 10**

Petrópolis 2001

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS – RJ

## **Copyright do original alemão**

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC, em Assis, Itália, 1994.

## **Redação original em língua alemã**

Anton Rotzetter OFM<sup>Cap</sup>, Maria Crucis Doka OSF,

Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,

Othmar Noggler OFM<sup>Cap</sup>, Horst von der Bey OFM e

Andreas Müller OFM

## **Layout**

Jakina Ulrike Wesselmann

Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

## **Tradução para o português**

Malina Hoepfner RSCJ

## **Revisão literária**

Renato Kirchner



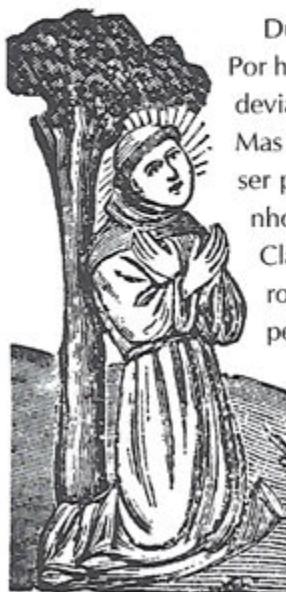
<b>Texto das fontes</b>	<b>4</b>
Como se ouvisse a voz de Deus	
<b>I. Introdução</b>	<b>5</b>
<b>II. Visão de conjunto</b>	<b>6</b>
<b>III. Informação</b>	<b>8</b>
1. Significado da palavra “contemplação” para Francisco e Clara	8
2. Francisco: <i>“Outra coisa não desejemos...”</i>	8
3. Clara: <i>“Com entrega total...”</i>	10
4. A retirada: Deixar o mundo permanecendo no mundo	12
5. <i>“Viver para aquele que morreu por todos”</i>	15
6. O mundo como claustro: contemplação como missão	16
7. Levar a cela consigo em toda parte	17
8. <i>“Mais que eremitério”</i> : contemplação como realidade de vida	19
9. Ir pelo mundo de modo contemplativo	19
10. Possuir o Espírito do Senhor: oração e entrega total	20
<b>Considerações finais</b>	<b>23</b>
<b>Fontes eclesiais e franciscanas</b>	<b>24</b>
<b>IV. Exercícios</b>	<b>25</b>
<b>V. Aplicações</b>	<b>34</b>
<b>VI. Bibliografia</b>	<b>38</b>
<b>VII. Legendas das ilustrações</b>	<b>39</b>





# Texto das Fontes

## Como se ouviu a voz de Deus



Durante toda sua vida, Francisco foi atraído pelo mistério de Deus. Por horas inteiras se recolheu para rezar e meditar. Nada e ninguém devia abordá-lo naqueles momentos.

Mas também havia escolhido levar uma vida no mundo, desejando ser pobre entre os pobres, anunciar o Reino de Deus, cuidar carinhosamente de leprosos. Mas quando viu os rostos serenos de Clara e de suas irmãs, que viviam separadas do mundo no mosteiro de São Damião, então se sentiu diante de um grande dilema, perguntando a si mesmo se não seria melhor, também para ele, retirar-se de todos os problemas e intrigas do mundo. Não seria melhor viver, talvez nos Carceri, lá no alto da montanha, ou num outro lugar deserto, evitando o contato com os homens e suas contendas, para concentrar-se unicamente na procura de Deus, adorando o Senhor de modo contínuo e sem impedimentos? Onde deveria procurar uma resposta a essas interrogações?

*“E porque a humildade que tinha não o deixava presumir de si nem de suas orações, pensou em conhecer a vontade divina por meio das orações dos outros.”* Portanto, foi procurar Clara, sua querida irmã, assim como também o irmão Silvestre.

E ambos lhe deram a mesma resposta, afirmando: *“Deus não o chamou a este estado somente para si; mas para que obtenha fruto nas almas e para que muitos por ele sejam salvos.”* Os dois amigos estavam convencidos de que Francisco não devia retirar-se do mundo, porque os homens precisavam dele. Pelo contrário, para que a presença divina fosse conhecida, deveria seguir o exemplo de Deus que anda com os homens.

Após ter recebido a mesma resposta das duas pessoas que tanto amava, Francisco acabou aceitando esta opinião como se fosse a voz de Deus. Em seguida, voltou a ocupar-se das coisas do mundo, permanecendo ao mesmo tempo totalmente atento a Deus, que, por sua vez, se comove com as misérias e aflições da humanidade (cf. Fioretti 16 e LM 12, 1s).



# Introdução

I.

## Nosso mundo anseia por alegria, amor e unidade

De muitos modos, o nosso mundo passa por medos e temores, enquanto almeja por alegria, amor e unidade, incapaz de encontrá-los. A falta de sentido para a vida, experimentado por tantas pessoas, impele-as rumo às mais variadas formas de busca e de ilusões. Isto pode acontecer até dentro de comunidades religiosas, porque – de uma maneira ou de outra – também nós sofremos as influências desse mal-estar do espírito. Temos necessidade de orientação; em outras palavras, carecemos de *contemplação*. Em tempos anteriores à era cristã, esta palavra designava a atividade dos antigos sacerdotes que observavam o vôo das aves, para aí identificar e interpretar a vontade dos seus deuses.

Na tradição cristã, contemplar significa procurar a presença de Deus, que se deixa pressentir na natureza, na história humana e por meio de sua revelação. Assim, buscamos encontrar a orientação certa para uma vida segundo a sua vontade. Em nossa época redescobrimos aquilo que os místicos de todos os tempos já sabiam, ou seja, a intuição de que a contemplação é uma abertura silenciosa ao divino, orientando todas as forças do espírito e da alma em direção à percepção da presença de Deus.

Tanto Francisco como Clara se sentiam impelidos a se orientarem segundo a vontade de Deus e sua divina revelação, fazendo todas as outras vezes se calarem diante do mistério de Deus. Isto os dois experimentaram através de um relacionamento muito pessoal com o Senhor. Simultaneamente, queriam envolver e incluir o mundo inteiro dentro da dinâmica dessa vontade divina. Para eles, contemplação e missão constituem os dois pólos de uma única realidade.





# Visão de Conjunto

II.

## que Francisco e Clara entenderam por contemplação

Aquilo que sabemos sobre a idéia que Francisco e Clara se fizeram a respeito da contemplação, apresenta tantos aspectos que seria muito difícil dar mais do que algumas poucas indicações.

Após um esclarecimento semântico, vamos mostrar que Francisco e Clara não desejavam outra coisa senão serem *peessoas contemplativas*. De maneiras diferentes, ambor se retiraram do mundo, se bem que não da Criação em si, que ambos amavam, nem do âmbito do pecado, por fazerem parte do gênero humano.

No encontro com Jesus, Francisco – e a seu modo também Clara – descobriram que uma autêntica contemplação no sentido cristão inclui a ação. Os dois preferiam “*não viver apenas para si mesmos, mas para aquele que morreu por todos*” (1C 35). A consequência era que, para eles, não podia existir qualquer separação entre o claustro e o mundo: “*O mundo é nosso claustro*”. A dedicação a Deus e a doação ao mundo formam uma inseparável unidade. Em consequência, a possibilidade de viver contemplativamente não depende de muralhas conventuais; porque o lugar onde a pessoa se encontra em cada instante é também o lugar propício para a contemplação. Ainda mais: mesmo no mundo, acobrunhado por conflitos e misérias, po-



demos estar intimamente unidos a Deus. Nisso consiste a autêntica contemplação. No meio de uma vida ativa, a contemplação constitui a verdadeira fonte de energia. Unido a Deus, o ser humano anda pelo mundo para se doar. Isto é válido também para qualquer atividade engajada, porque enquanto se trabalha *“não se deve apagar o espírito de oração e de entrega total”*.

No fim desta Lição serão apresentadas algumas considerações práticas.





## Significado da palavra “contemplação” para Francisco e Clara

1.

Francisco e Clara eram pessoas contemplativas. Segundo as fontes franciscanas, Francisco conhecia o verbo “contemplari” (= olhar, mirar, observar) e Clara usava o substantivo “contemplatio”. Sob estes dois termos se deve entender mais um “deixar-acontecer” do que uma atividade concreta. Trata-se do desejo de manter o coração sempre entregue a Deus.

A contemplação surge de uma atenção muito lúcida frente à realidade do mundo, mas também frente à presença de Deus dentro deste mundo. Os irmãos “*devem desejar o espírito do Senhor e seu santo modo de operar*” (2Rg 10,9), pois nisto consiste a verdadeira contemplação. Também vale a exortação: “*Amemos todos, de todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito, com toda nossa capacidade e força, com todas as virtudes do espírito e do corpo, com todo o empenho, todo afeto, todas as entranhas, todos os desejos e vontades – o Senhor nosso Deus*” (1Rg 23,23).



## Francisco: “Outra coisa não desejemos...”

2.

Quem lê os Escritos de Francisco, sente de imediato a profunda dimensão contemplativa. Quando ele fala de “Deus” ou de “Jesus”, muda seu tom de voz. De uma pessoa desajeitada, que mal sabe escrever, transforma-se em um poeta, capaz de expressar a sua relação com Deus de modo ágil, elegante, poético. Nos seus escritos, muitos trechos são verdadeiras orações cheias de sentido, são entusiasmados hinos, louvações, ladainhas, cânticos. O Cântico do Irmão Sol é o texto mais conhecido e mais perfeito. Porém, existem muitos outros textos que dão testemunho do mesmo fogo interior. Por si só, este fato já é uma demonstração da indissolúvel união entre contemplação e missão. Pois Francisco escreveu todos esses textos para transmitir uma mensagem aos outros. Sem querer ser impositivo, queria deixar outras pessoas participarem do fervor que o animava.



Francisco compôs o Cântico do Irmão Sol depois de uma profunda crise em sua vida, causada pela doença e pela depressão. Neste estado, Francisco experimentou a ternura de Deus. De repente, todas as dúvidas desapareceram, a depressão transformou-se em júbilo, o sofrimento e a consciência de estar perto da morte transformaram-se em fonte de vitalidade. Francisco traduziu essa experiência em palavras e música, a fim de estimular os irmãos a saírem mundo afora, louvando a ternura de Deus e entusiasmando outros homens e mulheres a louvar a Deus.

Também a ladainha, que Francisco confiou ao Irmão Leão, é um “texto pastoral”. Percebendo que Frei Leão estava sofrendo, atormentado por dúvidas e sentimentos de inferioridade,

queria fazê-lo entender: Também tu, Frei Leão, estás marcado pelo mistério de Deus e pelo sinal da Cruz. Deixa-te, pois, envolver pelo amor deste Deus incompreensível, por esse mistério a quem podemos dirigir-nos como a um “Tu!”, sempre de novo um “Tu!”, acrescentando expressões como *“sumo bem, delícia do amor, sabedoria, humildade, paciência, segurança...”* (cf. EL).

É como se Francisco tivesse conhecimento do método de oração da Ásia Oriental, que consiste em a pessoa recolher e concentrar todas as suas faculdades numa só palavra (= “mantra”), expressando e revelando-se totalmente nesta palavra. O que distingue a maneira de Francisco do método de oração asiática é o modo como ele concentra tudo neste diálogo com o insondável e inefável “Tu!”

Não é de se admirar que Tomás de Celano considera em Francisco o exemplo ideal de oração. *“Para fazer um holocausto múltiplo de todo o interior de seu coração, propunha a seus próprios olhos de muitas maneiras aquele que é sumamente simples. Muitas vezes ficava pensando com os lábios parados, e, levando para dentro as coisas de fora, elevava-se*



até os céus. Transformado não só em orante mas na própria oração, unia a atenção e o afeto num único desejo que dirigia ao Senhor” (2C 95).

Porém, para chegar a tanto, Francisco teve que percorrer um longo caminho. Segundo ele, Deus deve ter a soberania absoluta. Nada mais tem o direito de concorrer ou medir-se com Deus.

“Outra coisa não desejemos, nem queiramos, nem nos agrade, nem nos alegre senão o nosso Criador e Redentor e Salvador, o único e verdadeiro Deus, que é o bem pleno, o bem todo, o bem inteiro, o sumo e verdadeiro bem...” (1Rg 23,27-29).

De modo inequívoco, este texto demonstra o que Francisco procurava realizar com seu Movimento: queria uma fraternidade que se definisse plena e totalmente pela contemplação, pela oração e o serviço prestado a Deus. Isto ainda não explica de que modo concreto Francisco desejava concretizar essa dimensão contemplativa na sua vida.



### Clara: “Com entrega total...”

3.

O modo pelo qual é possível viver a contemplação concretamente é demonstrado, sobretudo, pela vida que Clara de Assis levou. Era desejo dela viver como Francisco; porém, foi obrigada a retirar-se a um “lugar sagrado”, ou seja, à clausura de São Damiano. O que a forçou a tomar essa resolução foram mais as conveniências de sua época do que a sua própria convicção.

Nessa clausura ela viveu por mais de 40 anos, junto com 50 irmãs. Repetidamente, durante o processo de sua canonização, foi testemunhado que sua vida estava marcada por longas fases de oração silenciosa e solitária, assim como também por intuições luminosas. As palavras que lia na Sagrada Escritura ou que ouvia na liturgia, ela as retinha de modo indelével na memória, até que se integrassem em uma visão mental da qual ficava impregnada durante horas inteiras.

Cuidava para que viessem bons teólogos ao mosteiro, capazes de interpretar o Evangelho, para de-





pois aprofundar ainda mais por meio de longas meditações aquilo que tinha ouvido. A presença real de Cristo, na Eucaristia, também lhe era tão evidente que conseguiu contemplar o Senhor com olhos cheios de admiração, abraçando-o com um coração ardente. No ano 1220, quando o cardeal Hugolino veio a São Damião, ela o levou junto consigo até as profundezas da experiência mística. Numa carta impressionante, o próprio cardeal confirmou depois que durante meses ainda sentiu a dor de ter que voltar deste mergulho nas profundezas divinas. De fato, Clara experimentou a presença de Deus tão intensa e concretamente que chegou a formular expressões que sublinham de modo singular a dignidade humana.

Façamos uma tentativa de entrar nesta atmosfera contemplativa, pois para Clara a contemplação é essencialmente uma relação amorosa. Entre outras coisas, escreveu à sua amiga, Inês de Praga: *“Ama totalmente aquele que totalmente se deu por teu amor, aquele cuja beleza o sol e a lua admiram e cuja generosidade, preciosidade e grandeza não têm limites”* (3ª Carta a Inês de Praga, 3).

Contemplação é o abraço dado ao amado, cuja beleza ultrapassa a magnificência da Criação. A união entre “beleza” e “amor íntimo” é a característica do tipo de contemplação, chamada também de “mística nupcial”, que impregnou a vida dos místicos daquela época. É um motivo que perpassa todos os Escritos de Santa Clara, começando com o “privilegio de pobreza”, que ela conseguiu do Papa Inocêncio III em 1216, em cuja formulação ela participou pessoalmente, terminando com o Testamento que escreveu quando a hora da sua morte já estava iminente.

Na mesma 3ª carta a Inês de Praga, que já citamos, foi acrescentado o motivo da clausura. Porém, Clara não utilizou esse termo importante à vida contemplativa, no sentido de “muralhas claustrais”, destinadas a protegerem a relação com Deus. Para ela, “clausura” é o próprio corpo da pessoa humana, ou antes, o “coração” humano. Este lugar mais íntimo do ser humano torna-se um “lugar sagrado”, torna-se habitação de Deus: *“Pela graça de Deus, a alma do homem fiel, a mais digna criatura, é maior do que o próprio céu. Pois os céus e todas as outras criaturas não conseguem conter o Criador, mas somente a alma do homem fiel pode ser sua mansão e sua morada. Isto é apenas possível pela caridade, da qual estão privados os ímpios”* (3ª carta a Inês de Praga, 4). Certamente, Clara teria sido incapaz de falar deste modo se a presença divina dentro dela não fosse para ela uma certeza plenificante.



“Beleza”, “amor íntimo”, “relação vivida com Cristo”, “mística nupcial”, “cohabitação de Deus na alma”, são as expressões mais importantes que marcaram a contemplação de Clara. Falta porém notar, que todas essas palavras-chave estão ligadas aos conceitos de “pobreza” e “sofrimento” (cf. Lição 19).

Basta um exemplo: *“Observa, considera, contempla aquele que, por tua salvação, se fez o mais desprezado dos homens. Ó rainha muito nobre, não desejes outra coisa, senão imitar o teu esposo... que foi rejeitado”* (2ª carta a Inês de Praga, 3).

Um dos trechos mais impressionantes, onde Clara fala de contemplação, se encontra numa outra carta também dirigida a Inês de Praga: *“Põe a tua mente naquele que é o espelho da eternidade, e a tua alma no esplendor da sua glória. Põe o teu coração naquele em quem o vigor de Deus se tornou visível e transforma-te, pela contemplação, em imagem perfeita da própria divindade”* (3ª carta a Inês de Praga, 3)

Resumindo, pode-se dizer: contemplação é a admiração que brota espontaneamente do coração, transformando-se em seguida em louvor e agradecimento. Significa igualmente, pacificar-se e mergulhar em Deus, com quem fomos reconciliados por Cristo. Contemplação é a ação de Deus em nós. Nós nos abrimos a Deus a fim de sermos transformados por ele. Contemplação significa admiração, reverência, bondade, emoção. Faz-nos reconhecer o nosso nada e experimentar o nosso vazio, fazendo-nos, entretanto, simultaneamente conscientes da nossa dignidade. Contemplação não é outra coisa do que uma total abertura de nosso coração diante de Deus.



## retirada: Deixar o mundo, permanecendo no mundo

4.

Ao tratar-se de contemplação, é necessário esclarecer um mal-entendido que, repetidas vezes, ocorreu também na tradição cristã. No seu Testamento, Francisco fala de “ter deixado o mundo”. Essa expressão pode ser interpretada de modo platônico ou dualista. Neste caso, o que se entende por “platônico” e “dualista”? Atrás dos dois termos se esconde uma visão do mundo que contradiz a concepção cristã (cf. Lição 1).

Tal cosmovisão vê as coisas materiais, visíveis e corporais que existem no mundo, como sendo, de um modo global, moralmente inferiores ou até más. Portanto, acreditam ser preciso fugir delas e manter distância. A meta dos cristãos, que aderem a esse tipo de cosmovisão, consiste em renunciar ao mundo, separando-se dele para se retirar a um lugar remoto, no cimo de uma montanha isolada ou num deserto inóspito, para aí

procurar unicamente a Deus. Chegando a esse ponto, essas pessoas passariam então a viver totalmente indiferentes ao mundo real, às suas preocupações e alegrias.

Tal atitude é estranha à fé cristã, mesmo se ainda há pessoas que se deixam seduzir pela tentação do dualismo; pois, nós cremos no Deus-feito-Homem, no mistério insondável que se fez carne, que se inseriu dentro da história humana e que, por isso mesmo, só o podemos encontrar no mundo em que vivemos. Para a convicção cristã, o conceito central é “o Reino de Deus”, ou seja, um mundo que Deus quer criar, chamando-nos a colaborarmos com ele. Esta convicção nos leva a uma frase maravilhosa, pronunciada por um teólogo evangélico do século XVII: “O fim de todos os caminhos de Deus é o corpo” (J.C. Oetger).

Portanto, o que é que Francisco quer dizer quando fala da necessidade de “deixar o mundo”? E Clara, como entende a sua vida em São Damião, retraida do mundo? Pois, o conceito “mundo” pode ter vários significados:

- **O mundo como criação, universo, cosmos, “céus e terra”, tudo**

“*Omnia*” (= tudo) na famosa frase do santo: “*Meu Deus e meu tudo*” (cf. C8, p.14). Com essa palavra se expressa uma convicção de fé: o mundo é visto como Criação, isto é, o mundo não tem sentido em si, nem tira este sentido de si, ele foi criado. Nisto se fundamenta a sua dignidade. E desta Criação não podemos excluir-nos, e isso pelo simples fato de nós mesmos fazermos parte dela. Em Francisco, a fé no mundo como Criação é muito concreta, assim como demonstra o seu Cântico do Irmão Sol. E Clara se expressa no mesmo sentido, numa curta oração que formulou antes da sua morte: “*Ó Senhor, seja louvado porque me criaste!*” (Vida de Clara 46). Os dois santos chegam a igualar “pobreza” com “ter sido criado”, ser criatura. Pobreza significa ser dependente, não ter recebido a vida de si próprio. No Cântico do Irmão Sol, essa consciência de sentir-se criatura passa a ser o denominador comum para todos os seres que existem.



## • O mundo na sua ambigüidade

Por um lado, o mundo é o lugar onde Deus atua; é a Criação de Deus. Por outro lado, é o lugar onde o homem se descobre autônomo, capaz de opor-se a Deus e de se perder. Em outras palavras, significa o mundo que renega Deus. Esta discrepância perpassa o coração do próprio ser humano. Por isso, não lhe é possível retirar-se ou desligar-se do mundo real. Por onde a pessoa anda, carrega o mundo consigo. Quando se pensa estar longe dele, é justamente lá que o descobre. Todos que já tentaram retirar-se para o deserto ou para uma clausura, tiveram, na solidão, que passar pela experiência de sentirem-se perseguidos pelo mal que ameaça a vida. Famosas são as tentações sofridas por Santo Antônio (= Antão) do Egito, morto em 356. Também Francisco e Clara conheceram experiências semelhantes.

## • A sociedade humana

Quando se referiu à sociedade de sua época, Francisco usou a palavra "saeculum", com a qual designava um mundo concreto, estruturado, determinado pelo tempo, por circunstâncias, situações, valores, contra-valores, etc. É possível conceber o mundo desta maneira, como algo alienante, inimigo, ameaçador e contrário aos desígnios de Deus. O homem atento pode sentir-se impelido cada vez mais aos limites deste mundo, por nele já não mais sentir-se em casa. Deve ter sido esse, aproximadamente, o caso que Francisco descreve em seu Testamento. O leproso, escorraçado da sociedade medieval, fez Francisco de Assis ficar consciente de que também ele estava sendo empurrado até os extremos limites da existência. Foi então que Francisco parou e, em seguida, deu o passo decisivo: conscientemente "saiu" deste tipo de "mundo" ("saeculum" = sociedade), para viver uma vida nova (= vida de "penitência").

Em outras palavras: o mundo pode se apresentar como um todo, fechado em si, onde o ser humano – pouco a pouco – se sente asfixiado (= pelo "pecado", no sentido do Evangelho de São João). É a hora de procurar uma nova posição: Jesus Cristo e seu Evangelho tornam-se, então, o critério básico que, a partir deste momento, determinam e dirigem a vida inteira.

É, portanto, necessário retirar-se de uma sociedade que se apresenta a si próprio como um absoluto. Esta retirada faz parte essencial de uma autêntica existência cristã. Porém, tal recuo não significa uma fuga do mundo, nem tampouco um afastar-se da Criação. Para Francisco, isto se realiza pela consciência de se saber enviado para viver como um evangelizador peregrino que incansavelmente percorre o mundo, totalmente disponível aos homens. Às ve-



zes, retirava-se, para não se perder. Para Clara, porém, nunca chegou a hora de poder imitar a vida itinerante de Francisco. Foi obrigada a isolar-se, junto com suas irmãs, no mosteiro de São Damião, para ali obedecer à rigorosa regra de clausura, que lhe foi imposta por Hugolino de Óstia. Entretanto, basta analisar atentamente o modo como ela descreve a sua vida, para notar grandes diferenças entre os termos usados pela Igreja e por ela, pois palavras como “clausura” e “inclusa” não aparecem nos seus escritos. Clara era aberta ao mundo. As pessoas de fora chegavam para lhe pedir conselho, ela curava os doentes que o povo lhe trazia, recebeu criancinhas no seu mosteiro. Duas vezes (uma em 1240 e outra em 1241) salvou o mosteiro e a cidade de Assis das tropas do Imperador Frederico II. Ela dizia: “*Quem contempla a Deus não ficará cego aos demais*”; acrescentando ainda: “*Não acontecerá nada de mal aos que servem a Deus*” (Vida de Clara 19).



## Viver para aquele que morreu por todos”

5.

É verdade que, em alguns momentos, Francisco se sentiu inclinado a interpretar a contemplação como uma retirada total, para em seguida querer levar “uma vida angélica”, como essa renúncia total era chamada naquela época. Pensava-se poder chegar, ainda neste mundo, a imitar, na medida do possível, a vida dos anjos: contemplando unicamente a Deus, sem se deixar distrair por nenhuma outra coisa, nem se deixar manchar por nada deste mundo. Além de se tratar de uma ilusão, tal interpretação da vida contemplativa não corresponde às noções básicas do cristianismo. Entretanto, através desta tentação, Francisco encontrou, em conversa com Clara e seu Irmão Silvestre, a sua verdadeira forma de vida:

*“Fiéis cultores da justiça, discutiam também se deveriam permanecer entre os homens ou retirar-se para lugares desertos. Mas São Francisco, que em assunto nenhum confiava apenas em sua sabedoria, mas prevenia tudo com a santa oração, preferiu não viver apenas para si mesmo, mas para aquele que morreu por todos, reconhecendo que tinha sido mandado para conquistar as almas para Deus...” (1C 35).*

Francisco e Clara se sentiam enviados pelo caminho da contemplação, por meio da meditação sobre a vida e Cruz de Jesus Cristo. Tudo lhes mostrava claramente que Deus deseja a salvação da humanidade. Concordância com a vontade de Deus se alcança somente na medida em que o ser humano se preocupa com a redenção do mundo. Em outras palavras, contemplação deve fundamentar-se em Cristo. Cristo, por sua vez, vi-



veu pelos homens e por eles morreu. A pessoa de Jesus, que está bem no centro da contemplação, reconduz todos aqueles que o procuram forçosamente de volta para o mundo.

Francisco é feliz por não precisar ceder nada da exclusividade com que se entregava a Deus e a Jesus Cristo. Pois esta mesma exclusividade não exclui a ação, mas a integra. Portanto, não existe concorrência entre Deus e o mundo. Para toda pessoa que medita e reza cristãmente, Deus se deixa encontrar em tudo e todos. Ele está “por detrás” de tudo e acima de tudo. São Paulo encontrou a fórmula mais sucinta para exprimir esta verdade: “Deus é tudo em todos” (1Cor 15,28).



## mundo como claustro: contemplação como missão

6.

Ao referir-se às casas que fundou, a palavra “claustrum” não ocorre nos Escritos de Francisco. O termo “clausura” (= lugar cercado), porém, se encontra duas vezes na sua Regra para os Eremitérios. Mas o termo não é usado num sentido monástico, ou seja, não designa muralhas que cercam igrejas ou conventos. Pessoas que se encontram aí, permanecem somente por algum tempo, para depois poderem afastar-se livremente, sem constrangimento.

No sentido franciscano, “clausura” é simplesmente um lugar cercado por uma sebe ou uma barreira natural, impedindo o acesso fácil às pessoas de fora. Por sua vez, Clara, como já vimos, tinha dissolvido interiormente e transformado misticamente a clausura, que lhe havia sido imposta pela Igreja.

Haveria, então, razão de se admirar que os conceitos “convento” e “mundo” sejam coincidentes para o Movimento franciscano? Tal coincidência é ilustrada numa peça teatral franciscana, chamada “mistério” na linguagem medieval, em que a Pobreza é representada por uma pessoa, tratada pelos frades como uma nobre “Senhora”:

*“Depois que a Senhora Pobreza dormiu, bem e profundamente, ela se levanta preocupada, pedindo que se lhe mostre o convento. Os Irmãos a conduzem para o alto duma montanha, donde lhe mostram o mundo inteiro, e tudo quanto se pudera dali enxergar, e dizem: Eis o nosso convento!”* (Sacrum Commertium, 63)

O convento é o mundo; e o mundo é o convento. Não se poderia formular de maneira mais concisa e expressiva a unidade da entrega total a Deus e da doação ao mundo. Caso a contemplação ocorra no convento, deve estar presente no convento o universo

inteiro. Não pode existir uma clausura para o pensamento e o coração. Nada e ninguém pode ficar “de fora”; todos e todas as coisas devem estar incluídos e abarcados pela forma de vida contemplativa.

M. Bartoli escreveu a respeito da comunidade de Clara: “Era concebida como uma comunidade aberta, tão aberta que não reconheceu nenhum limite. Seu horizonte englobava o mundo inteiro” (Bartoli 119). Apesar de Clara viver em uma clausura, o exemplo de sua vida ultrapassava os seus limites (Bula da canonização). A força do bom exemplo é, em si, um apostolado, uma missão com conseqüências infinitas.

No seu Testamento, Clara escreveu: “O Senhor nos deu um exemplo, um modelo e um espelho, não apenas para os outros, mas também para as nossas irmãs. Pois elas foram chamadas por ele à mesma vida à qual ele nos chamou, a fim de que também elas fossem um espelho e um modelo para as pessoas do mundo” (Testamento de Clara, 6).

Em dois sentidos, Clara ultrapassou os limites do isolamento que lhe tinha sido imposto: “De dentro para fora (pela convicção de ser um exemplo e um modelo significativo para a Igreja inteira) e de fora para dentro (pela prontidão com que atendeu às preocupações que lhe chegaram de fora, assumindo-as junto com suas irmãs)” (Bartoli 121).



## evar a cela consigo em toda parte

7.

Desde cedo, uma forma de vida contemplativa desenvolveu-se de maneira especial dentro do Movimento franciscano. O próprio Francisco escreveu uma Regra, na qual se prevê um “território delimitado” (Reg 1). Os numerosos eremitérios na Itália Central, procurados temporariamente pelos irmãos, testemunham até hoje esta forma de vida. Basta recordar os Carceri, Greccio, Fonte Colombo, Monte Casale, Le Celle, Poggio Bustone ou La Verna.

Provavelmente, na sua forma original, a vida das clarissas possa ser comparada a essa vida nos eremitérios. As irmãs entendem a pobreza como total disponibilidade e pron-



tidão para atender a Deus e aos seres humanos. Desejam que elas mesmas, assim como a sua convivência de irmãs, sejam compenetradas pelo Espírito de Deus. De modo muito especial, têm elas em Maria o seu modelo. Como ela, almejam seguir o seu exemplo de “virgem feita igreja”, “palácio” no qual Deus reina, “tabernáculo” onde Deus participa da nossa peregrinação, “morada” na qual ele esteja em casa (cf. SMD).

Queriam ser “filhas do Pai celestial”, “esposas do Espírito Santo”, “mães que concebem e acolhem Jesus e o dêem à luz por obras santas” (cf. 4Ct-b 9; cf. Vida de Clara).

Portanto, desde os primórdios havia uma forma de vida exclusivamente contemplativa dentro do Movimento franciscano. Daí não se deve concluir que seja menos contemplativa a forma de vida caracterizada pela dimensão missionária.

*“Quando escolhia frades para o acompanhar, (Francisco) dizia-lhes: Em nome do Senhor, ide dois a dois, modestamente, em grande silêncio pelos caminhos. Desde o alvorecer até à hora de Terça, guardai silêncio, orando a Deus em vossos corações. Não digais palavras ociosas ou inúteis. Embora vades de viagem, seja santo o vosso conversar, como se estivésseis no vosso eremitério ou na vossa cela, visto que, onde quer que estejamos ou por onde andarmos, levemos conosco a nossa cela, que é o irmão corpo; e a alma é o eremita, que mora lá dentro para orar e contemplar o Senhor. Se a alma não consegue descobrir o silêncio e recolhimento interior da sua cela, de pouco aproveita ao religioso a outra cela, construída pela mão do homem” (LP 80; cf. 2C 94).*

Enquanto Clara falava do coração como de uma “clausura”, Francisco chamava o corpo humano de “cela”. Por conseguinte, o que se pretende, deve ser vivido sempre e em toda parte. Esta noção de “cela” é, pois, um princípio de vida que pode expressar-se por meio de várias estruturas, tanto no mundo como atrás de muros conventuais, sem, entretanto, identificar-se com nenhuma delas. Tais estruturas podem ser úteis, mas nunca representam a própria forma contemplativa de vida.





## Mais que eremitério: contemplação como realidade de vida

8.

Contemplação é mais que uma estrutura (= *“mais que um eremitério”*). Isso fica claramente ilustrado por um exemplo da vida de Francisco. Um “ministro” queria ser liberado do peso da difícil responsabilidade do seu cargo, para refugiar-se num eremitério. Sentia seu “estar-no-mundo” como um “mal” ao qual queria se subtrair. Para ele, o eremitério tornou-se uma tentação, dando-lhe a ilusão de representar um mundo intacto, onde a presença de Deus seria experimentada espontaneamente.

Porém, Francisco instruiu esse ministro, lembrando-lhe o seu *“Deus meus et omnia”*, assim como a fé que sabe que Deus é a base de toda realidade. Pois, Deus deve ser procurado *“em tudo quanto dificulta o teu amor a Deus nosso Senhor, bem como as pessoas que te causam aborrecimentos, sejam irmãos ou gente de fora, mesmo que cheguem a te fazer violência”*. Tudo isso deve considerar-se *“como uma graça”* (6Ct).

É interessante notar que, justamente num caso destes, volta de novo o *“nada mais”* da Regra Não-Bulada: *“Isso debes procurar, e nada mais”* (6Ct; cf. 2Rg 23,9). Quando a contemplação é entendida como um total assentimento à vontade de Deus, então a *“perfeita obediência”* e a verdadeira contemplação consistem justamente nesse suportar o mal, agüentar o conflito, permanecer no mundo. Portanto, a *“carta a um ministro”* pode ser considerada uma real introdução à contemplação. Francisco permanece convencido de que a contemplação é possível em toda parte.



## Ir pelo mundo de modo contemplativo

9.

Através de tudo que ficou dito até agora, torna-se evidente que a atividade missionária, o *“ir pelo mundo”* (2Rg 14-16), deve estar marcado por uma dimensão contemplativa. Quer Francisco pregue, quer viva entre os leprosos ou execute um serviço desprezível de pobre, ele o faz a partir da plenificação que experimenta no encontro com Deus. Na literatura da época, existe uma fórmula que expressa isto de modo muito fiel: Francisco queria *“contemplando se tradere”* (= ao contemplar, entregar-se totalmente). Isto fica



ainda mais claro quando essa fórmula é comparada ao lema dominicano: *"contemplata aliis tradere"*, isto é, passar adiante, aos outros, o que se contemplou, ou seja, repartir as experiências e descobertas feitas pela contemplação.

Porém, Francisco e Clara ultrapassaram esse ponto. Pois, para eles, a contemplação não devia cessar nunca. O encontro com os leprosos e doentes, os trabalhos cansativos e pesados, a convivência fraterna, a solidariedade com os pobres, o suportar as próprias fraquezas e a certeza da morte, tudo isto se torna momento e lugar

de contemplação. Na doação de si mesmo a Deus, que se manifesta em tudo que acontece, os dois santos se entregam totalmente e sem restrições.



## **Possuir o Espírito do Senhor: oração e entrega total**

10.

Por temperamento, Clara era uma pessoa contemplativa. Como seu irmão e amigo, Francisco, também ela estava marcada pelo espírito de oração e doação. Assumindo uma palavra dele, escreveu na Regra, que as Irmãs deviam *"ter em mente, acima de tudo, o desejo de possuir o Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar"* (Regra de Clara 10,9).

Em espírito de solidariedade com os seus contemporâneos mais pobres, a realização de trabalhos corporais penosos foi para Francisco um dever ao qual procurava obedecer sempre e que defendia apaixonadamente. Pelo mesmo motivo, também Clara nunca parou de trabalhar, tecendo e bordando, apesar de ficar tão doente a partir de 1224, que quase não podia mais deixar a cama. Para os dois, a contemplação é a condição fundamental para executar qualquer trabalho. Pois, a dignidade do ser humano, criado por Deus, consiste na possibilidade de direcionar-se para Deus. Em outras palavras: consiste na "devotio" (cf. "votum" = entrega consciente e total) e na "oratio" (= oração). Não deve acontecer que o ser humano trabalhe simplesmente por trabalhar, e assim perca a sua dignidade (1Ct; cf. 1Rg 5).



De certa forma, a convicção de Francisco e Clara é intermediária entre a convicção de São Bento e a nossa concepção moderna. O ideal beneditino expressa-se pela fórmula: "ora et labora" (= reza e trabalha). Para o beneditino, a oração é o eixo em torno do qual gira, sobretudo, também o trabalho. Isto se entende melhor, quando comparado com a opinião que dominava no mundo antigo. Na Antiguidade, a mais legítima condição humana se realizava fora do âmbito do trabalho. "Ocio" (= lazer) e não "negotio" (= trabalho; ou, em outras palavras: a negação do lazer) era o ideal que, de direito, cabia exclusivamente ao homem livre. Por isso, todo trabalho corporal, pesado e penoso, era deixado aos escravos. Sendo um ato vital, de dimensões eminentemente mentais e espirituais, a oração foi classificada entre as funções mais nobres do "ocio", ou seja, no setor da vida onde o ser humano experimenta livremente a sua própria humanidade. Por este motivo, cabia o primeiro lugar à oração, enquanto que o trabalho corporal marcou o pólo oposto na escala de valores. Na tradição beneditina, porém, o trabalho era sobretudo trabalho cultural, a transmissão da cultura antiga à posteridade. Portanto, não se tratava tanto de trabalho corporal, que nos mosteiros beneditinos cabia aos irmãos conversos (= irmãos leigos nos mosteiros medievais) ou aos servos.

Pelo contrário, Francisco e Clara consideravam o penoso trabalho corporal como uma dimensão essencial da solidariedade humana e cristã. Isto era absolutamente novo na



sua época. A oração não devia acontecer antes ou depois do trabalho, mas bem incluído nele. O espírito de oração e de entrega a Deus não devia apagar-se nunca, mas devia entrar plenamente na execução do trabalho. Não duas atividades lado a lado, mas a integração de oração e trabalho marca o programa de vida da família franciscana. Desde então, a humanidade chegou a dar mais um passo. Através do tempo, os cristãos descobriram que o trabalho não é somente uma carga penosa mas uma graça (1Rg 5,1), participação no ato criativo de Deus. Deus não criou um mundo pronto, totalmente acabado, mas fez o ser humano participar na sua atividade criadora. Em consequência, o moto beneditino “ora et labora”, foi se transformando em “labora et ora”. Hoje, o eixo em torno do qual tudo gira, é o trabalho, ao qual a oração se subordina. Portanto, facilmente acontece que se dê tanto valor ao trabalho, que se chega a esquecer ou até mesmo a omitir a oração, considerando-a uma mera “perda de tempo” e que nos afasta indevidamente do trabalho. De fato, a valorização do trabalho chegou a ocupar o ponto central, de modo que o valor da pessoa humana se mede pelo trabalho que realiza. Em consequência, a pessoa desempregada está ameaçada de perder a sua dignidade e sua realização pessoal.

Possivelmente estamos hoje diante de um novo passo decisivo a dar na história da humanidade. Uma vez que, até mesmo no mundo industrializado, aumenta sempre mais o número dos desempregados e se prevê que futuramente será impossível providenciar trabalho assalariado para todos, o conceito “trabalho” tem que ser reformulado e novos campos de atividades devem surgir. Possivelmente, a fórmula “ora et labora” receberá um novo conteúdo, pois o tempo disponível para o lazer, para a contemplação, vai aumentando e o trabalho vai abrir novas frentes nos mais variados setores ocupacionais (cf. a Lição 21). Por este motivo, a atitude contemplativa, ou seja, a capacidade de se abrir ao mistério, terá que entrar em muitas novas atividades.

Entretanto, continua válido: o trabalho não recebe o seu sentido cristão a partir do “espírito de oração e devoção”, nem a partir de uma prévia “boa intenção”, mas através daquilo que o trabalho, ou as respectivas formas de atividades representam, a saber, a participação na criatividade de Deus, a participação no plano salvífico do Cristo e a preparação do Reino de Deus para a humanidade inteira. O destino do trabalho é a construção da “cidade de Deus”. Portanto, o próprio trabalho é um culto prestado a Deus. Isto é possível somente se o trabalho ficar envolto no ato contemplativo.

*“A síntese a ser feita é a oração durante o trabalho, dentro do trabalho e através do trabalho. Não se trata de em parte rezar e em parte agir, nem se trata de uma oração fora do engajamento cristão no mundo, mas se trata, isto sim, de oração durante qualquer trabalho e de total engajamento, ou seja, da experiência de um encontro com Deus durante o encontro com os homens. Para que tal síntese seja efetiva, completa e duradoura, ela precisa tornar-se útil e aplicável a todo o reino da oração (sentido como encontro privilegiado com o Senhor), bem como desenvolver o valor religioso do trabalho e do engajamento empreen-*

*didado por amor à Justiça e à Fraternidade”* (Cardeal Aloísio Lorscheider).

Desta forma, deve a contemplação levar sempre à prática, ao trabalho, ao engajamento pela Justiça e pela Paz, à libertação dos pobres de estruturas injustas, à educação e à formação, de maneiras variadas e específicas, por sermos pessoas humanas, com características asiáticas, africanas, européias, latino-americanas e norte-americanas.

Matéria de contemplação é, portanto, também, o assim chamado ambiente profano. Não basta contemplar e meditar sobre a vida de Jesus Cristo, sobre os mistérios de Deus, sobre os textos espirituais ou acontecimentos da Sagrada Escritura. Antes, importa contemplar atentamente as pessoas que a gente encontra na vida, o trabalho que se realiza, o pedacinho do mundo que nos é confiado. Talvez seja justamente isso que teremos que aprender hoje em dia de Francisco e Clara.

## Considerações finais

A contemplação é uma dimensão de toda vida humana. Portanto, não constitui o privilégio de alguns poucos. Ser contemplativo quer dizer: descobrir o significado da vida e da realidade, ver o mundo como um símbolo que conduz ao mistério de Deus. Isto inclui a obrigação de *“transformar este mundo, pela força da Ressurreição, no Reino de Deus”* (M. Amaladoss).

Resumindo, pode-se afirmar: viver contemplativamente não significa separar-se do mundo, mas engajar-se nele de maneira bem concreta e ativa, para transformá-lo para melhor. Descobre a Deus somente aquele que se descobre a si mesmo e que permanece unido aos outros seres humanos e ao mundo inteiro. As experiências vividas entram na contemplação. Ela é o pré-requisito imprescindível de uma missão autêntica, durante a qual vamos inevitavelmente entrar também em contato com as forças do mal, que se manifestam em nossa existência. Ademais, uma pessoa contemplativa, necessariamente,

terá que engajar-se em prol de Justiça e Paz, pela Integridade da Criação e pela Liberdade.

Não é preciso renunciar ao mundo, obedecer a determinados estilos de vida como, por exemplo, retirar-se a uma *“ashram”* (= eremitério de tipo indiano), um convento ou mosteiro, ou seguir ou-



tros rigorosos programas ascéticos. Permaneça você mesmo, aonde estiver!  
Bem entendida, a contemplação é um convite a realizar-se como pessoa. E qualquer tipo de contemplação que desconsidera os outros, está muito enganada.

## Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Ex 3,7s; Mt 25,31-46; 1Cor 15,28;Tg 2,20s
Documentos da Igreja	
Fontes franciscanas	SaudVM, LovDA, CtAnt, 2CtFi, CtMin, RegNB, RegB, RegEr, ReCl, Test, 1Cel, 2Cel, SCom, LegM, LegPer, Fior, 2Ctln, 3Ctln, RegCl, TestCl
Documentos interfranciscanos	
OFM – OFMCap – OFMConv	
OSC (Clarissas)	Escritos de Santa Clara: Regra, Testamento, Cartas
OSF (TOR)	Regra 20; 30
OFS	
Suplementos *	

\* Observação: As fontes podem ser completadas pelo(s) participante(s) ou leitor(es) do curso.



## Texto da mensagem interfranciscana de Mattli, 1982

*“Acentuamos com alegria que, no Terceiro Mundo, Deus para nós é uma experiência real. Na Ásia a meditação e a presença silenciosa diante do Senhor estão muito enraizadas na vida das pessoas; na África a presença e experiência do Deus vivo é exteriorizada e celebrada por meio do canto, do ritmo e da dança; na América Latina a religiosidade popular e a veneração dos santos são realidades significativas geradoras de vida.*

*Achamos oportuno lembrar aqui que São Francisco sempre quis adorar a Deus em todas as partes e em todo momento e amá-lo em todas as criaturas. Buscava o silêncio das grutas, dos bosques e das igrejas; traduziu sua própria experiência de Deus através de gestos, imagens e representações dramáticas. Encenou os mistérios de Cristo: Natividade, Páscoa, Eucaristia... Identificou-se com as necessidades do povo. Neste mundo ele realizou toda sua atividade em plena comunhão com Deus. Apresentava diante do Senhor todas as necessidades dos homens.*

*Por essa razão desejamos devolver à oração, à liturgia e ao silêncio o lugar que merecem em nossa vida. Sem medo queremos sair ao encontro dessa explosão de fé que descobrimos no nosso povo e participar nela com criatividade. Quando nos apresentamos diante de Deus junto com nossos irmãos, todos os nossos conflitos e sofrimentos, todas as nossas expectativas e esperanças adquirem uma dimensão que tudo transcende e, ao mesmo tempo, realiza”.*

(Citação em: *Os franciscanos ante os desafios do terceiro mundo*, p. 239; coordenadores: Leonardo Boff e Walbert Bühlmann, Vozes/Cefepal, 1983.)

### Tarefa e pergunta:

1. Enumere os diversos aspectos da contemplação, mencionados neste texto.
2. Até que ponto os aspectos destacados neste texto continuam válidos ainda hoje?





Leia os seguintes testemunhos, colhidos de três continentes, que nos revelam importantes aspectos da contemplação e da sua integração na vida

#### • Da Coréia do Sul

(Relato de Irmã Mary Francis Kwon, OSC.)

#### Contemplação e amizade

*“Sou clarissa coreana, que veio do confucionismo para o cristianismo. Um dos aspectos marcantes da Igreja coreana, parece-me ser a unidade entre contemplação e missão (= envio). Esta unidade, entretanto, já se encontra também na teoria “Yin-Yang” de Confúcio. É a tentativa de expressar a estrutura e as manifestações do universo através de princípios cósmicos. A força do “Yang” (Yang = luz) representa o fator masculino, atividade, energia vital. A força do “Yin” (Yin = escuro, oculto) representa o fator feminino, inativo, a capacidade de sofrer e agüentar. Supõe-se que ambas essas forças produzem em conjunto todas as manifestações da natureza, num processo infinito de interação harmoniosa.*

*Essa teoria pode aplicar-se igualmente à união e à intercomunicação que existe entre Deus e o ser humano. Pela força do Espírito, a pessoa se torna capaz de receber a Palavra de Deus. É a mesma força que se manifestou na encarnação do Filho de Deus e que tem que tender, sempre de novo, à total dedicação aos outros. Receber a vida e transmitir (= doar) a vida são fenômenos produzidos por uma só e mesma atuação dinâmica do Espírito.*

*Na Ásia Oriental, especialmente na Coréia, a amizade fiel representa um valor supremo, o fruto de união e amor profundo. Quando um missionário estrangeiro quer engajar-se na Coréia, tem que estar convencido de modo inabalável do valor da amizade, fiel até a morte, pois a amizade é uma dimensão que pertence essencialmente à alma coreana. A amizade fiel se manifesta pela sinceridade do coração que confere unidade às palavras e ações. Qualquer atividade missionária que desconheça esses valores ou negue a sua eficácia, irá causar grandes danos à vida interior do povo coreano.*

*O anseio do povo da Coréia por um coração indiviso e íntegro foi expresso por Chong Mong Chu (1337-1392) no seu famoso poema dedicado ao Rei:*

*‘Mesmo que este corpo tenha que morrer,  
mesmo que eu morra centenas de vezes,  
que os meus pálidos ossos virarem cinzas,  
e a minha alma ou viva ou deixe de existir...  
O que seria capaz de alterar o meu coração,  
entregue, sem reserva, ao meu soberano Senhor?’”*

## Perguntas:

1. Que impressão causa este testemunho em você?
2. Que relação você vê neste relato entre vida ativa e vida contemplativa?

### • Da África:

#### Impressões de uma visita a Malawi

*“Os sons surdos de um grande tambor chamam à celebração da liturgia de Sexta-feira Santa. A igreja paroquial de Lilongwe se enche de fiéis que vão se sentando bem juntos, lado a lado, no chão, em cima de esteiras, porque os banquinhos, que normalmente se encontram na igreja, foram retirados para ganhar mais espaço. Atrás do altar foi afastada também a cortina de bambu que costuma separar o coro das clarissas do espaço principal da igreja. A liturgia da Sexta-feira Santa começa com a entrada solene dos membros do coro da igreja, vestidos com roupagens africanas, representando Cristo e seus apóstolos, numa peça litúrgica que recorda as cenas da Paixão. Enquanto as cenas sagradas se sucedem, os cantos das clarissas se mesclam com os acontecimentos representados diante do altar. Pouco a pouco, é eliminada a barreira entre as irmãs, os atores da Paixão e os paroquianos que assistem. Todos, igualmente, se tornam participantes do acontecimento.*

*Na representação da crucifixão, a peça chega ao seu ponto alto. No meio de um silêncio absoluto, resoam as últimas palavras de Jesus: ‘Tudo está consumado!’ Um lamento fúnebre, polifônico, enche baixinho o espaço da igreja. As clarissas acompanham o canto com gestos que parecem orações tornadas visíveis. Segue a descida da Cruz. O corpo inanimado é levado para fora da igreja. Depois de alguns minutos, os discípulos voltam a entrar, carregando nos ombros uma maca com o corpo de Jesus, envolto em lençóis brancos, depositando-o diante do altar.*

*No fundo da igreja começa um movimento: três mulheres, tão profundamente inclinadas que seus rostos quase tocam o chão, entram de joelhos pelo corredor do meio, chorando baixinho. A pessoa do centro está coberta por um véu azul-escuro, que a esconde quase por completo: é a figura de Maria. Um fúnebre canto africano honra o Filho do Homem, morto pelos homens. Parece como se o sofrimento do mundo inteiro chegasse à tona e pudesse expressar-se. Finalmente, as três mulheres chegam até a maca, e a Mãe se inclina sobre seu Filho.*

*Pouco a pouco, a comunidade dos fiéis se junta às três mulheres, passando perto da mortalha para se inclinar diante do corpo inerte. ... Trata-se realmente de uma encenação, ou da realidade? A barreira do tempo foi suspensa. Todos sentem o impacto do incompreensível: Jesus morreu verdadeiramente, como outrora, como hoje, sendo traído, torturado, assassinado, em tantas pessoas e tantas vezes.*



Segue-se a veneração da cruz, as intercessões e a comunhão, como se fizessem parte das comemorações representadas pela peça litúrgica. As clarissas cantam, alternando com o coro e a comunidade dos fiéis. Parecem cantar e rezar com todo o seu ser. Os seus gestos dizem o que as palavras não conseguem, senão imperfeitamente, expressar. Uma música, tocada por instrumentos africanos, acompanha baixinho o canto das irmãs. Finalmente, a liturgia chega ao seu fim e a igreja se esvazia.

Na segunda-feira da Páscoa, a caminho de Madisi a Blantyre, voltamos para passar mais uma vez na casa das clarissas, pois os nossos anfitriões em Madisi nos deram presentes que devíamos entregar às irmãs. Porém, quando chegamos em Lilongwe, todas estavam na igreja, onde a celebração estava quase terminando. Entramos também na igreja e ficamos no fundo, com a porta aberta, para não atrapalhar.

Então assistimos a uma cena que nunca mais vamos esquecer! Foi durante a ação de graças, depois da comunhão. As clarissas estavam dançando, com ramos de flores nas mãos, cantando e dançando a sua alegria por causa da Ressurreição do Senhor. No ritmo e ao som das melodias, que soavam totalmente diferentes daquelas que tínhamos ouvido na Sexta-feira Santa, as irmãs agitavam os ramos acima de suas cabeças para expressar a sua imensa felicidade, acompanhadas por tambores e instrumentos de corda. Também o canto dos fiéis se misturava com as vozes das irmãs. Um único movimento perpassava a igreja inteira: foi uma oração em forma de dança que uniu a todos.”

#### Perguntas:

1. O que este relato diz a você de modo especial?
2. Que relação parece existir entre o espírito da liturgia africana e o tema principal desta Lição?
3. Você acredita que a dança seja capaz de expressar uma dimensão que de outro modo iria se perder? Qual seria então a essência desta dimensão?

#### • Do Brasil:

##### Diversas formas de contemplação, vivenciadas no contexto da libertação

Contribuição (1987) de Cardeal Aloísio Lorscheider, OFM, antigo Arcebispo de Fortaleza; atualmente Arcebispo de Aparecida do Norte, SP.

(Aconselhamos começar por ler somente os títulos dos vários parágrafos, para que cada um possa formar a sua própria opinião. E somente em seguida, ler o texto inteiro.)

### • • • Oração alimentada pela ação

---

A oração libertadora alimenta-se da vida engajada, das lutas, dos esforços feitos em comum, dos fracassos e das vitórias alcançadas. Agradece por passos bem-sucedidos, suplica, não tanto por interesses pessoais, mas muito mais pela caminhada feita em comum, e por todos que sofrem. Na oração se manifesta, sobretudo, o caráter conflitivo do processo de libertação. Espontaneamente, a admissão da culpa chega a ser uma confissão comunitária. Ninguém se esconde atrás de palavras sonoras, mas o coração se abre, trazendo à tona os pensamentos mais profundos. É uma oração que retrata a liberdade do coração. As auto-acusações deploram, sobretudo, a falta de relação autêntica entre aquilo que se fala e aquilo que se faz; em outras palavras: a falta de solidariedade e o fraco engajamento.

### • • • Oração como expressão da comunidade libertadora

---

Com certeza, a oração pessoal tem um valor permanente e seguro. No entanto, em grupos engajados, a oração se presta essencialmente à partilha de experiências vividas, questionadas e criticadas de modo positivo, à luz da fé. A experiência não se limita à relação pessoal da alma com Deus, mas se abre aos outros, ouve o que dizem e partilha com eles. Um consola o outro, dando-lhe força; um reflete sobre os problemas do outro. Não há lugar para “respeito humano” que possa procurar esconder os verdadeiros problemas ou as luzes divinas recebidas. Na maioria das vezes, é possível ler dentro das almas como num livro aberto. Isso, em si, já é um sinal de libertação que vai acontecendo dentro da comunidade.

### • • • Liturgia como celebração da vida

---

A liturgia canônica continua tendo um caráter obrigatório, manifestando a catolicidade de nossa fé. Entretanto, na medida em que a comunidade consegue unir fé e vida, mística e política, ela começa a integrar na sua celebração também certas dimensões da vida real, experimentadas e conhecidas por todos. Neste sentido, o povo desenvolve uma grande criatividade. Surgindo da afinidade natural desta gente por tudo que é digno e santo, não faltando nem a dignidade, nem a sacralidade. O grupo usa símbolos significativos para ele, faz encenações coreográficas e usa gestos e expressões corporais que lhe são próprios.

### • • • Oração como questionamento mútuo

---

Freqüentemente, a oração comunitária pode assumir a forma de um questionamento crítico, analisando o engajamento e a atitude dos membros da comunidade. Porém, a crítica mútua não deve chegar a ofender ninguém; e ninguém deve sentir-se agredido. O que importa são critérios objetivos, como por exemplo o Reino de Deus, a libertação, o respeito



pela caminhada do povo. Chega a haver verdadeiras conversões e ajudas mútuas muito concretas, baseadas na honestidade e na fidelidade de uns para com os outros.

### • • • Santidade política

Durante a evolução do processo libertador, surgiu uma nova maneira de entender a santidade. Além da tarefa permanente de combater as próprias paixões, percebeu-se a necessidade de lutar contra os mecanismos de exploração e de destruição da comunidade. Nestas circunstâncias difíceis, descobrem-se novas virtudes muito reais: a solidariedade com os que sofrem, a participação nas resoluções tomadas em comum, o compromisso com as decisões comunitárias, a superação do ódio contra os agentes que exploram o povo, a capacidade de enxergar para além do imediato e de trabalhar em prol de uma sociedade futura que ainda não se vê e da qual, provavelmente, não se vai chegar a participar. Essa ascese nova tem suas próprias exigências e renúncias para manter o coração limpo, pronto para o espírito das bem-aventuranças.

### • • • Coragem profética e paciência histórica

Fortalecidos pela fé e pela oração, muitos cristãos engajados têm a coragem de enfrentar os poderosos deste mundo para defender a causa do povo e sua dignidade ultrajada. Dispõem também de uma paciência histórica para acompanhar a caminhada lenta do povo, acostumado a suportar a opressão. Esses cristãos confiam no povo, no seu valor, na sua prontidão para a luta, apesar de todas as limitações, falhas e atrasos intelectuais. Acreditam na força do Espírito, que se manifesta nos humildes e sofredores; acreditam na vitória definitiva e na legitimidade da luta. Essa atitude surge de uma visão contemplativa da história, convencida de que somente Deus é o Senhor da história.

### • • • Uma atitude pascal (no sentido de Fl 2,6-9)

Existe a compreensão nítida de que a cruz representa uma etapa inevitável para chegar à vitória. A ressurreição marca o momento quando a justiça vai triunfar, quando o povo vence a sua luta e uma vida nova e digna começa. A ressurreição de Jesus é o momento culminante de um vasto processo libertador que ficou avançando e se acumulando através da história. Este evento é celebrado e vivenciado como a presença poderosa do Espírito agindo na história.

Assim surge um novo tipo de cristão, profundamente engajado tanto na “cidade terrestre” como na “cidade celeste”, convencido de que a construção da “cidade de Deus” dependerá de nossa colaboração no aperfeiçoamento do mundo. O céu não é inimigo da terra, mas, pelo contrário, começa aqui na terra. Ambos vivem sob o poder da graça e do gesto liberta-

dor de Deus em Jesus Cristo. Aqui já não se trata de uma simples “teologia”, mas de uma evolução que representa a vida e a mística de muitos cristãos.”

### Perguntas:

1. Quais dos aspectos da oração, mencionados neste texto, lhe são familiares, e quais lhe são novos?
2. Qual é a relação que existe entre contemplação e libertação?
3. Quando, aonde e como você mesmo vivenciou experiências semelhantes por meio da oração feita em comunidade?

### • Da Europa Oriental

O testemunho de Tatiana Goritschewa, é um documento histórico do tempo da antiga União Soviética. A situação descrita aqui pode voltar a se repetir em muitas partes do mundo atual; pois se trata de uma oração feita no meio do terror e da perseguição. Vejamos o que este testemunho nos tem a dizer:

*“Recuso-me a falar com vocês!”*

*Não é a primeira vez que me encontro nestes lugares. No início, foi muito difícil acertar uma linha de comportamento correta diante do KGB (= Serviço Secreto da União Soviética). A maioria das pessoas que são forçadas a se apresentarem diante dele, procuram inicialmente enganar, inventar histórias e mentir. Mas quando se trata de esperteza, o diabo é sempre mais inteligente que nós. Qualquer diálogo que a gente começa, como uma espécie de ‘jogo’, com os funcionários do KGB, termina infalivelmente em favor deles, pois utilizam métodos astutos, há muito tempo experimentados e minuciosamente montados. Sempre acabam sabendo o que queriam saber. E assim a gente, inadvertidamente, acaba traindo a própria causa ou até colocando em perigo a vida de outras pessoas.*

*Quando começaram, há 10 anos, a me prender atrás destes muros e a me questionar a respeito de pessoas conhecidas na Faculdade de Filosofia que eu freqüentava, comecei por inventar respostas, procurando dizer somente coisas ‘bonitas’. Mas uma vez em casa, depois destas interrogações, e recordando o que aconteceu, me lembrei com horror que as perguntas que me foram feitas não eram sinceras. Notei que procuravam saber outras coisas do que aquilo que pareciam perguntar. Por exemplo, me perguntaram pelo endereço de V.F. e eu lhes indiquei o endereço exato, assumindo que o KGB já sabia perfeitamente onde V.F. morava. Mas o que o juiz, que dirigia a investigação, realmente queria saber, era o grau de familiaridade que existia entre mim e V.F. E assim acontece sempre: manipulam as pessoas, brincam com a gente.*



Entretanto, esse primeiro contato com o KGB era suficiente para mim. Pois a partir deste momento, usei a única tática possível nos meus confrontos com o KGB: simplesmente me recusei a entrar em diálogo com eles. Em seguida, tentaram utilizar uma série de truques psicológicos para me fazer falar. O primeiro juiz, muito severo, que dirigia o interrogatório para amedrontar, foi substituído por um juiz 'bonzinho'. Além disso, fui ameaçada de que iriam me colocar numa clínica psiquiátrica. Também fizeram chantagem contra os meus pais.

Fiz o máximo para não dar importância alguma às suas iniciativas. Fiquei rezando no meu coração. Sobretudo o 'Oração a Jesus' me ajudou muito: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim!' Repetida incansavelmente, essa oração criou como que um escudo impenetrável em volta de mim. Graças a ela, me senti totalmente protegida em toda parte onde por acaso me encontrei, seja atrás de muros de prisão ou em outras circunstâncias. Os antigos Padres da Igreja recomendaram lutar contra o diabo, simplesmente ignorando-o, não lhe deixando nenhum espaço na nossa fé. Do mesmo modo, tentei repelir as agressões que tive que sofrer durante os interrogatórios variados e insistentes do KGB, que às vezes duravam horas inteiras. Simplesmente deixei de reagir; não permiti que suas sutilezas entrassem no meu consciente.

Desta maneira, experiências feitas por dissidentes políticos e experiências ascéticas feitas por grandes místicos, na prática, coincidem. Solschenizyn formulou uma vez a melhor regra geral para o comportamento mais adequado frente ao KGB: 'Não acreditem em nada; não temam nada; não peçam nada!'

Encontrei uma outra semelhança estupefata entre os métodos desta organização e os métodos do demônio: foi impressionante como sabem se aproveitar das fraquezas humanas; como adivinham de modo diabólico a falha que existe em tudo que fazemos. A sua existência depende da exploração dos sentimentos humanos mais baixos: medo, inveja, vaidade, desconfiança. Quando percebem que surgiu um novo movimento ou uma nova organização que procura se propagar por meio de seminários, revistas, encontros, então não começam logo a prender os dirigentes, mas começam pela tentativa de corromper aquela nova semente de vida por dentro, indispondo as pessoas umas contra as outras, instigando-as a suspeitar e a desconfiar.

'Recuso-me a falar com vocês!'

Essa foi a única frase que pronunciei durante as minhas últimas visitas ao KGB. Por dez minutos, Karmazkij saiu da sala. Durante este intervalo cantei no meu coração uma oração russa, muito querida, o 'Hino ao mais doce Jesus'. Como já sabia que às vezes prendem a gente por longas horas, tinha trazido o hinário comigo. Ao voltar, Karmazkij tentou recomeçar mais uma conversa comigo. Evidentemente, tinha recebido instruções do seu superior. Desta vez, procurou abordar um assunto teórico: 'Diga-me, Tatjana Michajlowna, como você e Poresch chegaram a ter tanta fé em Deus? Foram ambos educados numa família soviética normal; seus pais são gente inteligente, são ateus. Vocês não têm raízes sociológi-

cas para uma fé. Não descendem nem da nobreza, nem da classe dos kulakos (= camponeses). A nossa sociedade em si não pode criar uma consciência religiosa; pois faltam-lhe os pré-requisitos para isto: o povo não é explorado, a propaganda ateísta está difundida em toda parte, todos são educados, sabendo ler e escrever, ninguém acredita em contos de fada. Aquilo que nos interessa aqui é saber: por que será que justamente vocês, pessoas com formação universitária, acreditam nestas besteiras, como qualquer velhinha ignorante que não sabe nem ler nem escrever?

Para mim, não foi a primeira vez que o KGB iniciava um interrogatório, fazendo perguntas sobre assuntos fundamentais. No início, tentei entrar na conversa, explicando a fé da melhor maneira possível. Dizia, por exemplo, que a nossa fé não depende de influências do Ocidente, mas que Deus mesmo se faz conhecer a nós e que, para mim, não podia existir alegria maior do que participar desta nova vida na Igreja. Nunca cheguei a saber se consegui passar, pelo menos, alguma mensagem para eles. Provavelmente não. Até o dia de hoje continuam numa luta implacável contra a fé, contra o Espírito, contra tudo aquilo que lhes é inacessível, mas, apesar disso, lhes parece a maior ameaça e o inimigo mais poderoso, uma vez que são assassinos cínicos, inumanos e diabolicamente inteligentes.

Portanto, não encontraram nenhuma explicação 'materialista' para o ressurgimento cristão na Rússia moderna. E, seguramente, nunca a encontrarão. Porém, isto não os impediu de condenar Wolodja Poresch, um homem tão moralmente íntegro, meigo, afável e talentoso, a onze anos de prisão. Tatjana Schtschipkowa, também condenada à prisão por anos intermináveis, quase ficou cega durante a sua detenção; e Sascha Ogorodniskow adoeceu gravissimamente.

E nós, de que modo podemos ajudá-los; nós, que por enquanto ainda estamos em liberdade? Sinto a vergonha arder dentro de mim, por causa do meu amor tão sem força. Por isso, simplesmente sacudi a cabeça quando Karmazkij perguntou pela segunda vez: 'Você continua a se negar a servir de testemunha? Está consciente da responsabilidade que isto acarreta, conforme o parágrafo 181?' Sacudi a cabeça, para sinalizar: 'Sei do que se trata, e estou pronta!'

### Tarefas e perguntas:

1. Enumere dez ou doze países, dos quais você sabe que situações semelhantes existem ou podem acontecer.
2. Você mesmo já passou por experiências, onde a sua única arma e seu único apoio foi a oração? Partilhe a(s) sua(s) experiência(s) com o grupo.





O monge trapista *Thomas Merton* intuiu muito bem como Francisco soube superar a diferença entre contemplação e ação. Leia o texto seguinte:

“Francisco de Assis não se considerava um monge. Se este tivesse sido o seu desejo, teria encontrado uma quantidade de mosteiros onde podia ter entrado. É evidente que não vivia com a consciência de ser um ‘contemplativo’. Comparações entre a vida ativa e a vida contemplativa não lhe interessavam em absoluto. Não obstante, viveu as duas na máxima perfeição. Nenhuma obra de caridade lhe era estranha, nenhuma obra de misericórdia, seja material ou espiritual, deixou de ter um lugar na sua vida maravilhosa. A sua liberdade abarcava tudo.

Teria sido possível a Francisco deixar-se ordenar sacerdote, mas recusou por humildade. O sacerdócio também significa uma vocação, e Francisco já tinha ultrapassado o ponto de querer identificar a sua própria vocação. Mas possuía até o último grau de perfeição, o espírito apostólico de sacrifício e de amor, que são essenciais à vocação sacerdotal. Parece estranho que Francisco nunca tenha celebrado uma missa. Trata-se aí de uma realidade, difícil de entender por parte de uma pessoa tão espiritual como ele.

A única vocação, reconhecida no seu tempo, que Francisco talvez teria aceito é a de eremita. Frequentemente se retirava nas montanhas, para rezar e viver na solidão. Mas nunca lhe veio a idéia de dedicar-se totalmente a uma existência puramente eremítica. Permaneceu sozinho enquanto o espírito o reteve na solidão, para se deixar conduzir depois, pelo mesmo espírito, de volta para o meio dos homens e para a vida nas cidades ou aldeias.

Se tivesse refletido sobre esse assunto, talvez teria chegado à conclusão de que a sua vocação era, por essência, ‘profética’. Parecia um segundo Elias ou Eliseu: instruído pelo Espírito na solidão, mas depois enviado por Deus para o meio dos homens, a fim de comunicar-lhes uma mensagem.

Os vários aspectos da vocação de Francisco nos demonstram que aqui ultrapassamos os conceitos usuais de classes sociais e tipos humanos. Mas por isso mesmo – cada vez que ouvimos falar de ‘vida mista’ ou ‘vocação apostólica’ –, seria bom visualizá-las na forma de vida de Francisco ou Elias.”

## Tarefa:

Discuta com seu grupo a respeito da opinião de *Thomas Merton* sobre a “vocação” de Francisco.



Leia o seguinte texto de **Dom Aloísio Lorscheider**:

“Para pessoas que têm fé, a realidade que nos circunda não é nem profana, nem sagrada, mas simplesmente *sacramental*. Ela revela Deus, o invoca, se nutre da realidade divina. Por esta razão, a experiência de fé dá unidade à vida, pois a pessoa de fé contempla a realidade como uma única criação que tem Deus por origem e fim de todas as coisas. Como estilo de vida, a fé viva pressupõe uma atitude contemplativa. Em toda parte procura e encontra sinais da presença de Deus. Porém, não basta que a fé seja viva, também tem que ser autêntica. Somente uma fé que se transforma em amor, verdade e justiça é verdadeira. Os seres humanos não são agradáveis a Deus porque acreditam nele, mas quando se esforçam por colaborar na construção do seu Reino, que é um Reino de Verdade, de Amor e de Justiça. Somente uma fé engajada é uma fé redentora e, conseqüentemente, autêntica (cf. Tg 2,20s).

A essa fé Deus se revela como o Deus Santo. Nele encontramos o definitivo e o último. Com isto não se brinca, porque este Deus é um Deus engajado, que escuta os gritos dos oprimidos. Ele é capaz de afirmar: ‘Eu vi a opressão de meu povo, ouvi os gritos de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento dos seus sofrimentos. Desci para libertá-los das mãos dos egípcios...’ (Ex 3,7-8). Em outras palavras, o Deus que chama o homem quando reza, ordenando-lhe: ‘Venha!’ também lhe ordena: ‘Olhe, observe!’ O Deus que chama exige que unamos o amor que temos por ele, com o desejo de ajudar aos nossos irmãos sofredores” (cf. Mt 25,31-46).

### Perguntas:

1. Você conhece pessoas que sabem rezar assim?
2. O que é que as distingue?

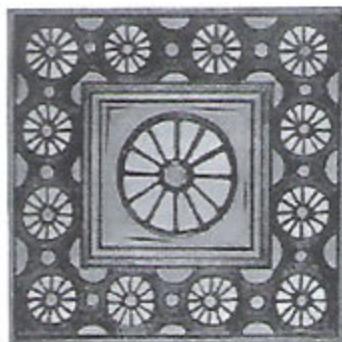




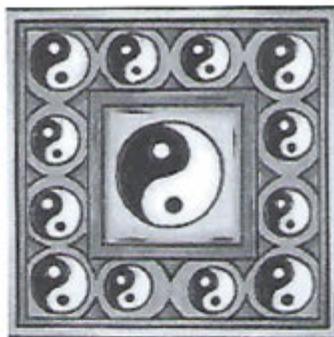
A seguir, você encontra várias imagens que representam símbolos e expressões das grandes religiões mundiais. Procurando meditar sobre elas, tenha presente as seguintes perguntas norteadoras: o que é que transmitem? Quais são, entre elas, as semelhanças e as diferenças que você percebe?



1ª imagem: Escultura em madeira, de Ruanda, África.



2ª imagem: A Roda da Lei, símbolo do budismo.



3ª imagem: Símbolo da teoria do "Yin-Yang", do confucionismo.



**4ª imagem:** Sinal do AUM ou OM (sânscrito): símbolo do Único Ser, na religião dos brâmanes (hinduísmo).



**5ª imagem:** Símbolo islâmico.



**6ª imagem:** O crucifixo, símbolo do cristianismo. Um crucifixo da Igreja de S. Jorge em Colônia.

"Vós sois as mãos de Cristo!  
Cristo não tem mãos,  
a não ser as nossas, para atuar.

Ele não tem pés,  
a não ser os nossos pés  
para conduzir os seres humanos a ele.

Cristo não tem lábios para falar,  
somente os nossos,  
porque somos a sua mensagem  
pelas nossas palavras e ações."



**Em português**

Leonard Lehmann. *Francisco, mestre de oração*, Piracicaba, Centro Franciscano de Espiritualidade, 1997.

AA.VV. São Francisco e a oração, em: *Cadernos Franciscanos 5*, Petrópolis, Vozes/Cefepal, 1993.

**Em alemão e outras línguas**

Amaladoss, M. Contemplative Life for all, em: Vidyajyoti, *Journal of Theological Reflection*, LVII (1993) 527-537.

Bartoli, M. *Klara von Assisi. Die Geschichte ihres Lebens* (Werl, 1993).

Conti, M. Eremo ed evangelizzazione nella vita dei Francescani, em: G. Cardaropoli e M. Conti (edit.), *Lettura spirituale-apostolica delle Fonti Francescane* (Roma 1980), 57-102.

Engemann, A. *Heilige Zwiesprache. Franziskanische Betrachtungsmethode* (Werl 1964).

Goritschewa, T. *Von Gott zu reden ist gefährlich. Meine Erfahrungen im Osten und im Westen* (Friburgo 1984) 11-15.

Heilige Kongregation für die Ordensleute und Säkularinstitute (SCIR). *Die kontemplative Dimension des Ordenslebens* (Vaticano 1980).

Jungclaussen, E. *Die Fülle erfahren. Tage der Stille mit Franz von Assisi* (Friburgo 1978).

Lehmann, L. *Tiefe und Weite. Der universale Grundzug in den Gebeten des Franziskus von Assisi* (Werl 1984).

Lorscheider, Dom Aloísio. Hauptmerkmale und Herausforderungen der Kontemplation, em L. Boff, *Aus dem Tal der Tränen ins Gelobte Land* (Düsseldorf 1982).

Merton, Th. *No Man is an Island* (Nova Iorque 1955).

Ötinger, F.C. *Obra completa*. Ehmman (edit.), 11 vols. Nova edição (Stuttgart 1960s).

Pohlmann, C. *Der neue Mensch Franziskus* (Mainz 1985).

—. *Franziskanische Meditationen. Erfahrungen für heute* (Mainz 1982). Trata também de "loga" e da prática de "Mantra" no hinduísmo.

Rotzetter, A. Universale Sendung und Claustrium. Eine weltzugewandte Spiritualität im Kloster, em: *Geist und Welt (Seminar Spiritualität 3)* (Zurique 1981) 211-131.

Schmucki, O. *Gotteslob und Meditation nach Beispiel und Anweisung des hl. Franziskus von Assisi* (Luzern 1980).

—. "Mentis silentium". Il programma contemplativo nell'Ordine francescano primitivo, em: *Laurentianum* 14 (1973) 177-222.

Wanne, J.J. *Traditional Korea. A Cultural History* (Seul 1972) 107.

- Capa:** São Francisco. Pintura de Zurbarán (1598-1662), Museu de arte de Cadiz, Espanha.
- Folha de rosto:** Mandala.
- P. 4 :** Francisco pede que o seu caminho à perfeição evangélica seja iluminado.
- P. 6 :** Clara cura doentes pelo sinal da Cruz. Gravura de Irmã Clara Winkler, OSF.
- P. 9 :** Oração e louvor a Deus. Gravura de G.L. Uboldi.
- P. 10 :** Gravura de Adrien Collaert, segundo um desenho de Adam van Oort (van Noort, 1562-1641).
- P. 11 :** “Irmãzinha de Jesus” japonesa, de Pápua, Nova Guiné. Foto-present, Foto: Melters.
- P. 13 :** Deus como criador do mundo. Gravura em madeira.
- P. 17 :** Oração e louvor a Deus. Gravura de G.L. Uboldi.
- P. 18 :** Ícone da Escola de Moscou, séc. XVI.
- P. 20 :** Clara cura pessoas de diversas doenças, por meio da Cruz vivificante. Gravura de Adrian Collaert, segundo um desenho de Adam van Oort (van Noort, 1562-1641).
- P. 21 :** Fm-arquivo, foto: S. Köder.
- P. 23 :** Fm-arquivo, foto-present.
- P. 36-37 :** Todas as imagens representadas são do *Atlas der Weltreligionen* (Gütersloh 1993).



Este livro foi impresso nas oficinas gráficas da  
Editora Vozes Ltda.,  
Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ,  
com filmes e papel fornecidos pelo editor.

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



## FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18  
Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152  
Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970  
PETRÓPOLIS -RJ  
PABX (0xx24) 242-5247 e 242-1300  
FAX (0xx24) 242-7644  
E-mail: [ffb@compuland.com.br](mailto:ffb@compuland.com.br)

### *Lições já publicadas:*

0. Introdução e visão de conjunto
1. Cristianismo, a religião de Encarnação
2. A família franciscana
3. Cooperação interfranciscana hoje
4. Formação inicial e permanente
5. Fundamento bíblico-profético da missão franciscana
6. A origem da missão franciscana no mistério trinitário
7. A missão franciscana nas primeiras fontes
8. Fidelidade e traição: A história da missão franciscana
9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão

### *Próximas lições a serem publicadas*

11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano